(DES)CONEXÃO ENTRE AS TEORIAS DE SOJA E DA SINTAXE ESPACIAL

ADRIANA DANTAS NOGUEIRA*

Resumo

A palavra *(Des) Conexão* surge como uma tentativa de relacionar duas idéias conceitualmente diferentes: a teoria de Edward Soja e a Teoria da Sintaxe Espacial, buscando uma interação entre as duas. Esta comparação direta acaba revelando a interação socioespacial como um foco principal de discussão, isto é, a influência e interferência da *sociedade* no *espaço* e também o espaço agindo como um elemento da produção social. Alguns pontos de vista são descobertos como *links*, pontos de conexão, entre ambas as teorias, mas a principal conexão não pode ser chamada de conexão, pois contém um importante componente que as *des*conecta, sendo que o conceito de "espacialidade" (*spatiality*) é a chave da explicação.

Abstract

(Dis)connection is a word which is trying to relate two ideas conceptually different: Edward Soja and Space Syntax theories, looking for some interaction between them. This direct comparative case has as an essential focus of debate the socio-spatial interaction, i.e., the influence and interference of *Society* in *Space* and also the Space acting as an constructive element of the social production. Some view points are discovered as links, connection points, between both theories, but the main connection may be called dis-connection because there is an important factor which disconnect them that is deeper related with *spatiality* concept.

* Arquiteta, Mestre em Engenharia Urbana pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) com Doutorado sanduíche na University College London - Bartlett School of Architecture, Londres, Inglaterra. Professora do Departamento de Artes e Comunicação Social da UFS (Universidade Federal de Sergipe).

Introdução

A meta deste artigo é descobrir como o espaço (enquanto uma estrutura configuracional) pode expressar existência social e cultural, isto é, como a interação social pode ser "lida" através do espaço, considerando o espaço em sua natureza configuracional, e como o espaço pode ser um "agente construtivo ativo na sociedade". A principal questão apontada é entender como espaço e sociedade estão conectados de acordo com a posição de cada uma das teorias (de Edward Soja e da Sintaxe Espacial, ambas lidando com conteúdos de Geografia Urbana e Urbanismo.

O principal argumento presente é que a palavra *espacialidade* é a palavra-chave para relacionar tais teorias, porque ambas estão tentando descobrir um diferente ponto de vista para a posição do espaço dentro da teoria crítica sócio-espacial, com o espaço visto não sob o tempo, mas paralelo a ele.

A metodologia apresenta cada uma dessas teorias, abordando a principal idéia sobre seus pensamentos, pensando sobre a estrutura configuracional do espaço como um gerador de produção social, definindo:

1 por que cada teoria pode ser intitulada de "teoria" e qual é a origem do pensamento de Soja e da Sintaxe Espacial, isto é, a base teórica sob a qual foram originadas suas idéias;
2 o significado de alguns termos (mais) utilizados em ambas as teorias e se eles possuem significados similares ou antagônicos (por exemplo, fragmentação, espacialidade e espacialização, sistemas espacial e social);
3 como os aspectos urbanos estão inseridos na sociedade e esses em ambas as teorias. É uma relação de causa-efeito? Pode-se discutir este ponto comparando ambas as posições a respeito da interação espaço-sociedade.

Teoria do espaço: a base teórica do pensamento de Soja e da Sintaxe Espacial

Arquitetos, urbanistas, geógrafos urbanos têm visto o espaço como um interessante objeto de estudo, mas a discussão sobre a interface entre a configuração urbana real física e a sociedade, em especial a intervenção dos aspectos econômicos, tem se tornado uma discussão complexa.

Existem muitas teorias sobre o espaço, entendendo o espaço numa inserção diferente originada de diversos campos teóricos, como Filosofia, História, Psicologia, Economia.... Espaço pode significar várias coisas hoje em dia, ele não é visto apenas enquanto espaço físico, concreto, no qual edificações são construídas e pessoas circulam, mas também como "espaço social", ou uma mistura de "sociedade espacial", ou "espaços locais e globais (glocais)", ou ainda "espaço virtual" etc. Contudo, o espaço que aqui é abordado já fora anteriormente definido e pretende explorar a sua inter-relação com a sociedade.

Quando o tema "teoria" é abordado, alguns pesquisadores afirmam que ela é a prática nela mesma, mas alguns discordam, dizendo que teoria é um procedimento de reflexão e argumentação. Um importante ponto para a construção de uma teoria é que a teoria e a prática estão extremamente relacionadas uma à outra. Pode-se dizer que as teorias de Soja e da Sintaxe Espacial procuram uma forma prática para apresentar suas próprias idéias, Soja se refere a algumas cidades demonstrando como seus pensamentos podem ser encontrados numa cidade verdadeira, especialmente Los Angeles, e a Sintaxe Espacial usa técnicas e métodos específicos para analisar diversas cidades reais, por trás de uma teoria fortemente embasada.

Uma teoria, seja ela qual for, deve ter sempre uma relação histórica com a realidade. Isto significa que cada teoria deve ser compreendida em seu período de tempo, ou seja, sua época de criação e desenvolvimento, assim como deve estar relacionada com certos locais que promovam a prática, a verificação da mesma teoria. As teorias da Sintaxe Espacial e de Soja foram construídas por volta do mesmo período de tempo, com sua origem na década de 80 do século XX, entretanto, em diferentes circunstâncias. A primeira tem base na arquitetura e urbanismo, e a outra tem uma base geográfico-sociológica. Esta é a razão por que este tópico se refere a "(des) conexão" e conexão, por eles terem seguido diferentes abordagens para explicar um processo dinâmico urbano. Ao mesmo tempo, existe uma estreita linha que os conecta, mesmo em diferentes condições, que é o pensamento espacial, não sob o jugo do tempo, como sempre foi entendido historicamente no conhecido "mito da narrativa histórica", mas como um elemento nele mesmo, que pode ser descrito mais do que apenas um elemento físico, e como um fator contribuinte na produção e reprodução social.

A palavra "espacialidade" usada por Soja é a principal condição para criar uma nova compreensão sobre a relação espaço-sociedade, porque quebra as narrativas históricas, considerando que o espaço não está mais sob o jugo do tempo. Este ponto pode ser visto como uma ligação com a Sintaxe Espacial, considerado um ponto de conexão entre as teorias da Sintaxe e de Soja, pois ambas estão de acordo quando pensam o espaço como uma entidade destacada, isto é, colocando-o não sob o tempo, mas como um fator tão importante quanto ele. Este ponto poderia ser citado como "conexão número 1".

Hillier (1993) e seus colegas da *Bartlett School of Architecture, University of London*, têm desenvolvido um interessante conceito sobre a teoria do espaço neste ponto de vista. Segundo ele, pessoas leigas no assunto, isto é, os cidadãos comuns que não lidam com o pensamento reflexivo sobre o espaço, tendem a descrever o espaço através do *uso* desse espaço, ou através da percepção do espaço, ou de conceitos do espaço, contudo deveria existir uma linguagem própria do espaço, a qual não foi aprendida ainda. Quando se fala de espaço, edificações são lembradas para exemplificar que elas podem transmitir idéias culturais através do aspecto do padrão espacial. Pode-se entender a configuração espacial como um produto da cultura, pelo uso de suas propriedades, estudando a malha urbana como objeto de um pensamento arquitetônico. A Sintaxe Espacial é vista como uma teoria do espaço porque ela não é somente sobre arquitetura e urbanismo, mas está inserida em uma "linguagem de arquitetura", que procura não apenas uma forma de expressar uma linguagem própria do espaço, mas busca sua compreensão através da relação entre espaço e sociedade.

A Sintaxe Espacial pode ser encontrada como sendo parte da Escola Morfológica do Pensamento, ou também chamada de Paradigma Morfológico, que descreve formas, tipos e padrões do meio ambiente construído. O espaço da cidade (*cityspace*) tem sido visto pela Sintaxe Espacial tanto como transformação do espaço quanto da sociedade; para ela, o que deve ser conhecido é o que tem ocorrido em um e quando tem ocorrido no outro.

Uma das críticas feitas pela Sintaxe Espacial em relação à teoria crítica social é que a sociedade é sempre vista em primeiro plano. De acordo com a Sintaxe Espacial (HILLIER, NETTO, 2001), para existir uma teoria completa, ela deve compreender uma relação sistemática entre a sociedade e o espaço; o espaço contém "potenciais sociais" e a sociedade contém "necessida-

des espaciais". A Sintaxe Espacial acredita que a configuração espacial pode expressar componentes sociais e o espaço, através disso, toma parte na produção e reprodução da sociedade como um agente construtivo ativo.

A principal discussão entre essas duas teorias pode ser chamada de "desconexão". Ela se refere à questão da relação entre sociedade e espaço, sobre o espaço enquanto suporte das atividades sociais, em que ele tem sido apenas um elemento passivo para a produção e reprodução social, como Soja acredita, ou como ele pode ser um influente fator para o crescimento e organização de cidades, e ainda como a sociedade poderia ser influenciada pela configuração espacial, como a Teoria da Sintaxe Espacial acredita. Esta desconexão será explicada nos próximos tópicos.

Quando a Sintaxe Espacial diz que existe uma forma não discursiva na arquitetura e urbanismo, significa que a existência humana não possui conceitos, que poderiam ser uma linguagem arquitetônica específica para definir configurações espaciais complexas. Neste ponto, pode-se encontrar uma "conexão número 2", pois ambas as teorias se propõem descobrir uma taxonomia própria que consiga descrever e explicar melhor certos padrões próprios ao contexto espacial.

Não-discursividade e "sim-especificidade" na teoria do espaço

A linguagem arquitetônica não possui palavras específicas para descrever conjuntos complexos da relação espacial com precisão. Isto pode explicar por que os arquitetos, urbanistas e teóricos da área utilizam tantas metáforas para exemplificá-los, como "forma de estrela", "forma de espinha de peixe", etc. A Sintaxe Espacial explica que isto acontece porque as nossas mentes podem lidar com coisas complexas, mas quando se fala ou se ouve, se lida com regras semânticas e sintáticas para tornar as palavras inteligíveis. De acordo com Hillier (1996), a linguagem é um aparato do pensamento (idéias que nos pensamos), razão pela qual as pessoas entendem as relações espaciais intuitivamente, mas elas não sabem sobre elas falar.

Analisando a taxonomia de várias palavras utilizadas por Soja, parece bastante claro que palavras como "segmentação", "segregação" e "fragmentação" se referem, às vezes, a assuntos de âmbito social e, outras vezes, a assuntos de âmbito espacial. Elas são deixadas para ser interpretadas pelo

próprio leitor, tornando difícil a compreensão, especialmente quando existe o modo *não-discursivo* no campo arquitetônico e urbano. É preciso que se defina o contexto em que cada palavra é melhor entendida, relacionando cada uma com os processos espacial e social.

Soja aborda a palavra "fragmentação" em seu livro intitulado *Terceiro-espaço* (Thirdspace, 1996) quando abrange temas como os problemas das políticas culturais modernas, movimentos sociais, processos sociais. Às vezes, "segregação", às vezes "fragmentação", mas não há uma definição do verdadeiro significado dessas palavras neste campo de conhecimento, principalmente na Teoria do Espaço no mundo contemporâneo. Soja se refere a outros autores para apresentar os significados de termos espaciais como "*otherness*" (que poderia ser traduzido como "diversidade"), que está ligado a representações do poder e ao poder das representações. A diferença pode ser entendida no contexto das práticas social e política que estão conectadas com o conhecimento da "*produção (social) do espaço (social)*". Há uma tentativa de encontrar novas palavras para demonstrar a transdisciplinaridade e um novo discurso sobre o espaço e sobre a espacialidade; por exemplo, o que Foucault chamou de "*heterotopologia*"[1], Soja tem chamado de "*Terceiroespaço*".

Faz-se necessária realmente uma abordagem sobre alguns termos específicos para o tema arquitetônico e urbanístico, podendo-se inserir uma palavra que reforce este ponto de vista e que neste tópico foi chamada de "sim-especificidade", defendendo a posição de que deveriam existir palavras que pudessem ser entendidas especificamente para o campo da Teoria do Espaço, como por exemplo, "inteligibilidade", "urbanidade", ...[2]

Sugere-se a criação de uma configuração lingüístico-espacial a ser utilizada em função dos termos *fragmentação* e *segregação*, que, na maioria das vezes, resultam de uso dicotômico para o referencial espacial, significando quase sempre uma área que está fora do contexto geral urbano, ou longe de uma integração máxima. Diz-se que as áreas são segregadas e que o contexto é fragmentado, referindo-se ao todo urbano. Ao se referir a um contexto mais socioeconômico, à diferença entre classes, propõe-se a utiliza-

[1] Heterotopologia são os princípios da Heterotopia, segundo Foucault (Soja, 1996)

[2] Inteligibilidade em Hillier (1996), urbanidade em Holanda (2002).

ção da palavra "segregação" acrescentada à palavra "social" (segregação social).

É também necessária uma metodologia de análise racional do espaço, tentando ampliar a compreensão da interação entre espaço e sociedade. Uma espécie de tentativa pode ser encontrada na Sintaxe Espacial, com Hillier & Hanson (1984) e o crescente número de pesquisadores que têm contribuído para a reflexão de uma teoria do espaço apropriada, que consegue relacionar qualquer tipo de sociedade com o espaço produzido e estudar o espaço para explicar o comportamento da mesma sociedade. A Sintaxe Espacial tem trazido uma compreensão inicial sobre a configuração espacial e sua morfologia, especialmente desenvolvendo um tipo de linguagem para a teoria do espaço.

Soja também tentou criar ou prover uma nova forma de pensar sobre o espaço e experimentou o uso de alguns novos termos. No seu livro *Geografias Pós-Modernas* (1989), ele tenta construir uma teoria própria através de idéias de outros importantes teóricos da Sociologia, Filosofia, Geografia... Às vezes alguns termos parecem escondidos, causando um pequeno mal-entendido, como por exemplo, quando ele aborda os termos modernismo, modernização, modernidade e pós-modernismo, pós-modernidade... embora o título do livro não seja totalmente explicativo e de acordo com seu próprio pensamento, quando ele diz que sua crença não concorda com a posição do teórico Habermas[3], para quem a modernidade ainda é um projeto inacabado.

Soja trouxe apenas uma explicação sobre o uso de termos como pós-moderno, ou moderno, no seu livro *Terceiroespaço* (1996), talvez um pouco tarde para a explicação do termo pós-moderno usado no título do primeiro livro (1989). Ele tem considerado a palavra *pós-moderno* como uma antecipação do cerne da discussão que pareceu enevoada desde seu surgimento, na década de 60, e continuou assim na década de 80, sobre todos os prefixos "pós". Soja explica que na década de 60, alguns termos confusos apareceram, como pós-modernização, pós-modernidade, etc, para descrever a forma de vida contemporânea, mas ele não estava suficientemente certo do uso desses termos até então.

[3] Habermas, in ARANTES, O.; ARANTES, A. Um ponto cego no Projeto de Jürgen Habermas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Toda essa discussão sobre o *pós* é importante para definir exatamente sobre que espaço se tem debatido. Existem muitas diferenças entre o modo de pensamento sobre o espaço na modernidade e na pós-modernidade. A corajosa posição de Soja, incluindo o termo pós-moderno poderia ter sido objeto de críticas ou poderia deixá-lo com rótulo de *pós-ismos*, tornando difícil um possível retorno caso ele quisesse seguir em outra direção.

Com o termo "*Terceiroespaço*", Soja (1996) está tentando falar sobre um mundo em constante transformação, seja de idéias, eventos, aparências e significados. Ele tem explicado o seu título, que não deve estar necessariamente posicionado em lados extremos: modernismo ou pós-modernismo. Ele argumenta que existem algumas diferenças no mesmo discurso e embate entre os pós-modernistas (reduzido ao antimodernismo, que celebra a morte do modernismo) e as modernistas que são anti-pós-modernistas, tentando preservar o modernismo liberal e radical. Essa posição deveria ter vindo como explanação que completasse e clareasse o seu livro *Geografias Pós-Modernas* (1989), mas pode-se entender que a discussão acadêmica sobre o tema somente se desenvolveu com maior furor na década de 80 (data em que o livro foi publicado). Desse debate, diz Soja, existem alguns rituais: se você é pós-modernista, você não pode ser marxista e vice-versa. Apenas uma escolha é permitida. De acordo com Soja, para entender o *Terceiroespaço* é necessário que você abra sua mente, permanecendo longe do debate; você pode ser o que você desejar ser, marxista, pós-marxista, estruturalista ou humanista, *Terceiroespaço* é o lugar onde todos podem ser encontrados e onde tudo é permitido.

Contudo, o termo *pós-moderno* é usado para expressar o desejo de entender a interação sociedade-espaço de uma outra maneira. Isto significa que o espaço, segundo Soja (1996), mesmo não tendo a primeira colocação nesta relação, pode ser visto de forma diferente.

Soja tem utilizado alguns termos sugestionáveis, por exemplo, "reestruturação" e "evolução da Forma Urbana". Se seus significados são analisados comparando-os com a conceituação oferecida em dicionário, pode-se verificar que a palavra reestruturação implica muito mais que uma estrutura construída de uma maneira nova ou diferente. A palavra evolução não diz muito sobre forma urbana, ela está relacionada com um desenvolvimento gradual ou em termos biológicos, com o desenvolvimento de uma forma simples para uma forma complexa. Este tipo de evolução pretendida por Soja implica transformações, não necessariamente crescimento e desenvol-

vimento cultural, social ou econômico. Uma forma urbana pode se tornar complexa, mas não se tornar desenvolvida em termos culturais. É preciso tomar cuidado ao se implantar a palavra "evolução" no trato das cidades (sendo sempre preferível o termo "transformação").

A palavra "evolução", utilizada por Soja, pretende ter um significado específico sobre a forma urbana que segue um mesmo ritmo periódico, em que o capital tem moldado a paisagem desde o início da era da industrialização. Soja acredita que a produção e a reprodução do capitalismo envolvem as relações sociais. Com esta afirmação, poderia Soja ser considerado um geógrafo pós-marxista, apesar de ele ter-se intitulado geógrafo pós-moderno? Pode-se ser o que se quiser ser, de acordo com o *Terceiroespaço*.

As décadas de 60 e 70 e a expansão da acumulação capitalista dos anos pós-guerra são aspetos abordados por Soja, aos quais ele tem creditado serem responsáveis por uma grande mudança na configuração da vida social, política e econômica no mundo contemporâneo. Soja (1989) tentou pensar sobre uma desconstrução e reconstituição da dialética do tempo-espaço e suas práticas sociais, o que ele denominou de "reestruturação".

Outro importante termo usado por Soja é a "espacialidade", palavra-chave para relacionar suas idéias com a Teoria da Sintaxe Espacial. Para Soja, espacialidade significa um espaço socialmente-produzido; para a Sintaxe Espacial, significa entender o espaço tanto como receptor das forças sociais quanto um agente construtivo ativo da sociedade. A espacialidade entra como o foco deste confronto de idéias, o qual será detalhado no próximo tópico, abordando os sistemas social e espacial.

Espacialidade: a relação espaço-sociedade nas teorias de Soja e da Sintaxe Espacial

Um dos títulos de capítulo do primeiro livro de Soja (1989) pode esclarecer mais o pensamento sobre essa relação dialética entre sociedade e espaço: "*Espacialidade: a organização do espaço como um produto social*". Soja considera que o espaço pode ser visto em primeira instância, mas sua organização e seu significado são um produto da sociedade. A distinção entre o espaço *per si* e a espacialidade com base social pode ser demonstrada pelos seguintes itens:

a) espaço *per si* significa a forma física (visto sob uma perspectiva materialista); ele tem influenciado todas as formas de análise espacial; o espaço é visto como um contexto físico e entendido como um "recipiente" (palavra original usada por Soja: "*container*") da vida humana; uma geometria objetiva e essência fenomenológica são suas características;
b) espacialidade significa um espaço de uma produção e organização social, que tem sido objeto de uma análise materialista da História e da sociedade, vista como uma organização humana espacial enquanto produto social.

O argumento de Soja é que a estrutura do espaço organizado não possui uma lei autônoma de construção e transformação, sendo um componente das relações gerais de produção. Soja demonstra esta relação dialética defendendo que o "social" e o "espacial" vêm da mesma origem no modo de produção e são inseparáveis, assim como as relações espaciais de produção são socialmente criadas e polarizadas. Não se pode, segundo ele, separar as relações espaciais de produção das relações sociais de produção (relações de classes).

Entretanto, de acordo com a Sintaxe Espacial (HILLIER, NETTO, 2001), o espaço é entendido como um receptor das forças sociais (o que gera uma certa concordância com o pensamento de Soja, uma conexão) e como um agente construtivo da sociedade. Os sistemas social e espacial são ambos sistemas duais, que possuem eventos materiais, concretos, com interações de ligação e encontros e entidades informacionais, como convenções e códigos, provenientes de uma linguagem própria de dada sociedade; os sistemas social e espacial são ambos sistemas "não-discursivos", pois não possuem termos que traduzam especificidades próprias de seus fenômenos e processos; os sistemas social e espacial possuem ambos funções e funcionalidades, isto é, o movimento das pessoas e as atividades que acontecem na malha urbana assim como o comportamento individual social são funções de um modelo que poderia ser denominado de sociedade.

Com o intuito de entender melhor o que "espacialidade" significa para a Sintaxe Espacial, é necessário primeiro entender algumas leis que regem o meio ambiente construído, as quais a Teoria da Sintaxe propõe. Como já se tem percebido, a Sintaxe Espacial está inserida no "paradigma

morfológico"[4], descrevendo modelos, formas e padrões do meio ambiente construído, e investiga a "lógica social" que existe por trás dele, para entender como as pessoas o utilizam e o experienciam. Desta forma, essa teoria aborda a existência de três tipos de leis que regem o ambiente construído e influenciam o resultado da organização e ordenamento das cidades:

a) leis do Tipo 1: sobre a própria morfologia do espaço, regras da forma espacial dos loteamentos e dos complexos de edificações; leis originadas do espaço nele mesmo, ou seja, comparando com a linguagem de Soja, o "espaço *per si*" (do próprio espaço);
b) leis do Tipo 2: expressam como os lugares podem ser articulados com as leis sociais, pela segregação/integração, e como as sociedades estruturam o meio ambiente de uma forma particular; leis que têm origem na sociedade para o espaço (da sociedade para o espaço);
c) leis do Tipo 3: expressam como a estrutura física e espacial gera efeitos nas pessoas; leis que têm origem no espaço para exercer uma certa influência na sociedade (do espaço para a sociedade).

A Sintaxe Espacial também apresenta a lei do "*sufficient embodiment*" (personificação suficiente), significando que a produção e reprodução da sociedade devem ser entendidas através de seu movimento e encontros. Isto quer dizer que, se não há co-presença, não há relação entre os processos

[4] Segundo Sampaio (1999), citando a classificação realizada por Vegara-Gomez para as vertentes do ideário urbanístico moderno, existe o "enfoque morfológico", vertente que postula um método morfológico, se interessando pela forma física da cidade, com a chamada "Escola Italiana", que surge para combater o descrédito da vertente funcionalista e a fragilidade do enfoque sistêmico, em que a razão e a tradição, próprios à cultura italiana, são fundamentos da própria disciplina (diferente de países novos, como o Brasil). Entre seus representantes estão Aldo Rossi (1971) e Carlo Aymonino (1984). Existe uma grande variedade na concepção dessa vertente, que foi recebendo contribuições de outros arquitetos e urbanistas no mundo, mas pode-se considerar algumas características iniciais, como: busca da unidade entre arquitetura e urbanismo, ênfase no aspecto compositivo-projetual, grande articulação entre projeto e análise, recuperação do legado histórico, interesse pelo caráter do lugar, que atestam a complexidade dos fatos urbanos e reconhecem partes da cidade como "fragmentos", embora a visão totalizadora (global) da forma urbana seja considerada.

social e espacial; uma forma de analisar como os processos sociais estão interagindo através da configuração espacial pode ser obtida pelas estruturas institucionais, têm-se tornado "espacializadas"; quando elas controlam o indivíduo através do controle do ambiente do espaço, a estrutura social é localizada enquanto formas construídas no espaço real, concreto, físico (HILLIER, NETTO, 2001).

O "*mind-body problem*" (problema mente-corpo) é a relação existente entre o mundo físico e as "mentes" que o experienciam. A intrigante questão é como as coisas imateriais podem ser expressas no mundo material, este sendo apenas um dos pontos estudados e pesquisados pela Teoria da Sintaxe Espacial, porque é através da arquitetura que o mundo real é criado e no qual as pessoas interagem, isto é, onde ocorre a relação sociedade-espaço. Por isso, o espaço não merece ser visto apenas como um "*container*", pois segundo a Sintaxe Espacial, ele apresenta uma grande interferência e influência na sociedade, possuindo leis próprias que regem comportamentos sociais e que também é regido pela sociedade. Pode-se entender que a Sintaxe Espacial acredita numa relação recíproca constante entre sociedade e espaço.

A Sintaxe Espacial também apresenta o problema da *rationality-lawfulness* (racionalidade-legislabilidade), também relacionado com a questão socioespacial, essencialmente quando a sociedade não é vista como uma entidade material, quando se pensa sobre a relação entre os poderes organizados das "nossas mentes" e a maneira de pensar a arquitetura. Existe um tipo de ordem conceitual, de acordo com a Sintaxe Espacial, originada pela mente para o mundo construído; Então, a arquitetura parece poder ser legislável, existindo alguns tipos de leis que podem conhecer a relação sociedade-espaço, certamente não originadas em nossas mentes, mas propriedades do mundo real, verdadeiro, físico (HILLIER, 1984).

As edificações são responsáveis, na sua maior parte, por explicar como a interação social e espacial acontece, pois os edifícios podem ser vistos como a transmissão da cultura através dos artefatos. Isto pode ser facilmente compreendido através da comparação entre a linguagem humana e a configuração espacial. Na linguagem as pessoas manuseiam as palavras para implicar uma sintaxe e promover seu significado para torná-las compreensíveis para todos; a configuração espacial apresenta esta compreensão (significação) através do manuseio de coisas-objetos e, fazendo isso, pode transmitir padrões e modelos, onde o conteúdo social está presente.

A Sintaxe Espacial procura analisar a morfologia espacial através da compreensão do motivo que a faz ser como é, da maneira como a estrutura gera a atividade humana e como as pessoas nela se comportam. A estrutura urbana já possui, na sua criação, um comportamento social embutido. Existe um outro problema, denominado "Paradigma do Homem-Ambiente", no qual o ambiente é entendido como uma coisa inerte, com a única função de estar em volta das pessoas, não sendo entendido como espaço estruturado pela atividade humana. Neste paradigma não existe possibilidade de compreender qualquer um dos tipos de leis apresentadas pela Sintaxe Espacial (leis tipo 1, 2 e 3), ou seja, não é possível entender como a existência humana está relacionada com o meio ambiente construído e como este meio afeta o movimento das pessoas, enfim, não há possibilidade de compreender a verdadeira relação espaço-sociedade (HILLIER, 1973, 1996)[5].

Desta forma, pode-se definir uma outra conexão (conexão número 3) entre as teorias de Soja e da Sintaxe Espacial, pois Soja procura por uma nova maneira de ver a interação espaço-sociedade, o que foi denominado de Geografia Pós-Moderna. Mais e mais inclinado a enfatizar a importância e a influência do espaço na vida humana urbana no seu livro intitulado *Pós-Metropolis* (2000), Soja o inicia pensando na relação espaço-sociedade de uma forma diferente:

> [...] *our actions and thoughts shape the spaces around us, but at the same time the larger collectively or socially produced spaces and places within which we live also shape our actions and thoughts in ways that we are only beginning to understand* (SOJA, 2000.p.6).
>
> (Tradução: [...] nossas ações e pensamentos formam os espaços ao nosso redor, mas ao mesmo tempo, os maiores espaços e lugares coletivamente e socialmente produzidos dentro dos quais

[5] Para saber mais sobre a história do mundo de acordo com os paradigmas e as idéias de forma-função na ciência, e como estas idéias influenciaram muitas áreas da cultura e sociedade, ver: Gillispie (1959), Hillier (1996), Hillier, Leaman (1973).

> vivemos também formam nossas ações e pensamentos em maneiras que estamos somente começando a entender).

Pode-se apontar as palavras acima como uma certa conexão com a Sintaxe Espacial, pois Soja está aqui considerando também a ação do espaço na sociedade, em concordância com o que se refere à lei do tipo 3 da Sintaxe Espacial, a interferência espacial no processo social. Contudo, esta é uma pequena conexão no discurso maior de Soja, no qual tem sido apresentada até agora, a posição do espaço, visto de forma diferente. Mas continua com o pensamento voltado para uma espacialidade em que os aspetos sociais são sempre posicionados à frente de todo o processo socioespacial.

Para o estudo da relação socioespacial, deve-se, sim, considerar o contexto espacial, por exemplo, como um espaço aberto, mas envolto e formado pela configuração da localização de outras edificações, que servem de "paredes" para este espaço, o que pode ser chamado de enclaustro, ou recinto ("*enclosure*"). Este tipo de espaço pode apresentar diferenças grandes com relação ao tipo de "sociedade" que o utiliza, por exemplo, se esse recinto serve a uma determinada família, ou se a um monastério, ele se torna diferenciado de uma situação na qual é utilizado por um grupo de vizinhança, num contexto mais global, quando é pensado em função de todo o sistema. Este tipo de espaço obtém diferentes resultados em diferentes contextos sociais. Esta é uma explicação que pode ser relacionada com as leis do tipo 2 da Sintaxe Espacial: como os lugares podem ser articulados com leis sociais (HILLIER, HANSON, 1984; HILLIER, 1988).

Até agora pode-se atestar que Soja e a Sintaxe Espacial possuem alguns pontos de conexão, mas existe o que se pode chamar de desconexão principal, a discordância expressa através da palavra "espacialidade", entendida, pelos dois casos, de forma oposta e antagônica. Toda essa discussão acadêmica sobre as idéias de Soja tornou possível tecer algumas considerações sobre a interação socioespacial, será apresentada a seguir.

Considerações

Realmente existem alguns pontos que conectam as teorias de Soja e da Sintaxe Espacial. A primeira conexão é que ambas consideram o espaço não sobrepujado ao tempo; isto significa que o tempo e a História foram, por muito tempo, responsáveis pela explicação da interação existente entre sociedade e espaço, mas agora, com a chamada *Geografia Pós-Moderna*, o espaço parece ter emergido do último lugar para uma posição mais igualitária a do tempo. O conhecimento sobre a sociedade foi promovido pela "Teoria crítica social", que sempre pensou o processo social como o mais importante elemento da relação socioespacial. Entretanto, alguns teóricos descobriram que o espaço possui suas próprias regras e que é importante descobri-las e conhecê-las, como acontece com Soja e com a Sintaxe Espacial.

A segunda conexão é sobre a necessidade da criação de uma linguagem espacial específica, que possa traduzir todos os processos e movimentos que ocorrem no contexto urbano. Palavras como "diversidade", "terceiroespaço" podem mostrar o tipo de especificidade de termos nesse contexto espacial, chamado aqui de "sim-especificidade", implicando um tipo de linguagem para a conformação de uma teoria do espaço.

A desconexão foi encontrada facilmente, especialmente através da palavra "espacialidade", que para a Sintaxe Espacial significa um elemento com habilidade de produzir suas próprias leis, que regem o comportamento social e nele interferem, contrario ao pensamento de Soja, no qual espacialidade significa produto do potencial social. Contudo, pode-se dizer que, no interior dessa desconexão, pode ser encontrada uma terceira conexão, quando Soja aceita que o espaço pode moldar ações e pensamentos sociais.

Em geral, pode-se dizer que Teoria da Sintaxe Espacial acredita que a forma física influencia a vida humana e que Soja nela quer acreditar. Entretanto, a principal discordância entre as duas teorias está em Soja não pensar na influência da forma física urbana e arquitetônica como uma "relação ou um fator independente", que pode contribuir para a compreensão da interação entre os fenômenos social e espacial. Para Soja, o espaço deve ser visto como parte do processo dinâmico que pode ser chamado de "espacialidade social".

Pode-se considerar que uma análise completa da sociedade e do espaço deve caracterizar-se por uma leitura da vida cotidiana das pessoas. A forma

de executar essa leitura através de uma *espacialidade* tem gerado confusões, pois *espacialidade*, em áreas diferentes, possui significados também diferentes, como pode ser visto. Acredita-se que a compreensão da relação espaço-sociedade pode ser auxiliada pela definição de uma análise que abranja, tanto fatores sociais quanto espaciais, num mesmo patamar de importância.

REFERÊNCIAS

ARANTES,O.; ARANTES, A. *Um ponto cego no Projeto de Jürgen Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FOUCAULT, Michel. Space, Knowledge and Power. (1984- interview with Paul Rabinow). In: HAYS, K. Michel. *Architecture Theory since 1968*. 3ed. New York: MIT Press, 2002. p.428-439.

GILLISPIE, C. *The edge of objectivity*. Princetown University Press, 1959.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HILLIER, Bill, HANSON, Julienne. *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, Bill, LEAMAN, A. The man-environment paradigm and its paradoxes. *Architectural Design*, August, 1973.

HILLIER, Bill, NETTO, Vinicius. Society seen through the prism of Space. In: *Proceedings III Space Syntax Symposium*, Atlanta, 2001. p.13.1-13.2.

HILLIER, Bill. *Against enclosure*. In eds Teymur N et al: Rehumanising Housing. Butterwoths, London, 1988.

HILLIER, Bill. *Space is the Machine*. Cambridge University Press, 1996.

HILLIER, Bill. *Specifically Architectural Theory*: a partial account of the ascent from building as Cultural Transmission to Architecture as Theoretical concretion. Harvard Architectural Review, vol 9, Spring, 1993. p.9-27.

HOLANDA, Frederico de. *O espaço de exceção*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. (Coleção Arquitetura e Urbanismo).

LEFEBVRE, Henry. *La production de l'espace*. Paris: Antropos, 1974.

LEFEBVRE, Henry. *Le revolucion urbana*. Madrid: Alianza, 1971.

SAMPAIO, Antonio Heliodorio Lima. Formas Urbanas: cidade-real & cidade-ideal. Contribuição ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Editora Quarteto/ PPG-AU, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo- UFBA, 1999.

SOJA, Edward. *Thirdspace*: journeys to Los Angeles and other Real-and-Imagined Places. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1996.
SOJA, Edward. *Postmetropolis*: critical studies of Cities and Regions. Oxford, UK: Basil Blackwell, 2000.
SOJA, Edward. *Postmodern Geographies*: the reassertion of space in critical social theory. London and New York: Verso, 1989. (4th impression: 1994).